



## NAVEGANDO PELOS MARES DA MEMÓRIA

LOTTERMANN, Clarice (Unioeste)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A partir de estudos sobre as imbricações em torno do real e do ficcional, da concepção agostiniana de tempo e da recuperação da memória, o objetivo deste trabalho é analisar como a narrativa ficcional se “apropria” da realidade e a representa em seu interior - de forma ficcionalizada, mas sempre apontando para o referencial representado – em duas obras da escritora Ana Maria Machado: *O mar nunca transborda* (1995) e *Bisa Bia Bisa Bel* (1990). Em ambas, Ana Maria Machado tematiza o resgate da memória individual e coletiva, tratando de reconstruir a imagem da formação da nação brasileira e seu passado recente sob o prisma feminino, enfatizando o papel social da mulher na consolidação da nação e construção da identidade nacional. É possível afirmar que Ana Maria Machado, ao selecionar, combinar e trabalhar dados da realidade, ficcionaliza-os. Ao trazer à narrativa dados da história brasileira, a escritora não mostra o real, mas o representa pelo viés do imaginário. A história, recuperada pela literatura, passa a ser ficção, mas não perde seu referencial externo.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória; ficção; Ana Maria Machado.

**ABSTRACT:** Taking as base the interplay between the real and the fiction, from the Augustine time and memory recover conception, the objective of this work is to analyze how the fictional narrative “appropriates” the reality and represents it in its interior – in a fictionalized way, however it is always pointing to the represented referential – of two books of the writer Ana Maria Machado: *O mar nunca transborda* (The sea never overflows) (1995) and *Bisa Bia Bisa Bel* (1990). Ana Maria Machado, in both books, is concerned about the rescue of the individual and collective memory, trying to rebuild Brazil’s formation image and its recent past under the feminine perspective, emphasizing the social role of the woman for the consolidation of the country and the construction of the national identity. It is possible to affirm that Ana Machado is selecting, combining and working with reality’s data and, at the same time, she is fictionalizing it. When she brings data from the Brazilian history to the narrative, the writer does not show the real, but she represents it using the imaginary. The history, recovered by the literature, becomes fiction, but it does not lose its external referencial.

**KEY-WORDS:** memory, fiction, Ana Maria Machado

## INTRODUÇÃO

As imbricações em torno do ficcional e do real e o processo de ficcionalização do real, através de “atos de fingir”, são largamente analisados por Wolfgang Iser no texto “*Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*” (1983). Segundo o estudioso, a mera oposição entre real e ficcional não é suficiente para explicitar a natureza de um texto ficcional em comparação a outro que, em princípio, seria isento de ficções e, portanto, ligado à realidade. Nas palavras de Iser,

Se os textos ficcionais não são de todo isentos de realidade, parece conveniente renunciar a este tipo de relação opositiva como critério orientador para a descrição dos textos ficcionais, pois as medidas de mistura do real com o fictício, neles reconhecíveis, relacionam com frequência elementos, dados e suposições. Aparece, assim, nesta relação, algo mais que uma oposição, de modo que a relação dupla da ficção com a realidade deveria ser substituída por uma relação tríplex. Como o texto ficcional contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário. (ISER, 1983, p. 384).

Tem-se, portanto, a substituição da relação opositiva pela tríade: real, fictício e imaginário, uma vez que a mera oposição real x ficcional

retiraria da discussão sobre o fictício no texto uma dimensão importante, pois, evidentemente, há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional. Estas realidades por certo diversas não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais. Por outro lado, também é verdade que estas realidades, ao surgirem no texto ficcional, neles não se repetem por efeito de si mesmas. Se o texto ficcional se refere à realidade sem se esgotar nesta referência, então a repetição é um ato de fingir, pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida. Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele então surge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto. Assim, o ato de fingir ganha a sua marca própria, que é de provocar a repetição no texto da realidade vivencial, por esta repetição atribuindo uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito do que é assim referido (ISER, 1983, p. 385-6).

Nesse sentido, é importante analisarmos como o texto literário trabalha com a realidade, como os dados – ditos reais – são representados pela arte da palavra. No texto literário, através da seleção (um dos atos de fingir apontados por

Iser), o escritor coloca muitos dados identificáveis na realidade, mas que agora aparecem sob o signo “do fingimento”. Este mundo representado na literatura é o “mundo posto entre parênteses”, para que se compreenda “que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser entendido apenas como se o fosse” (ISER, 1983, p. 400). É por isto que o mundo organizado no texto literário é um mundo do “como se”. Processo semelhante ao mundo do “faz de conta”, tão conhecido das crianças, mas neste é a fantasia que deve ser tomada como se fosse o real: em outras palavras, ao contarmos histórias do “mundo do faz de conta” para as crianças, estabelecemos com elas o pacto mediante o qual aquele mundo fica entendido como se fosse real. Já o pôr entre parênteses explicita que as normas e critérios naturais, vigentes no mundo representado, estão momentaneamente suspensos. Por isso, “a realidade representada no texto não deve ser tomada como tal; ela é a referência de algo que ela não é, mesmo que este algo se torna representável por ela” (ISER, 1983, p.401).

Ora, se a realidade é apenas representável no texto ficcional, isso nos leva a pensar na instigante relação entre narrativa literária e narrativa histórica, considerando-se a última como “o discurso ou o texto elaborado pelo historiador sobre passividade”, isto é, sobre o “real acontecido” (LEENHARDT e PESAVENTO, 1998, p. 10).

A proximidade entre discurso literário e discurso histórico coloca a literatura e a história como “leituras possíveis de uma recriação imaginária do real”, de acordo com Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento.

Tal como a literatura, a história, enquanto representação do real, constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário. No caso da história, o passado é “inventado”, os fatos são selecionados, a memória é criada, a história é fabricada, mas se trata de uma produção “autorizada”, circunscrita pelos dados, a passividade (as fontes), a preocupação com a pesquisa documental e os critérios de cientificidade do método. Na narrativa literária, este componente de liberdade construtiva e de “vôo” de imaginação é mais amplo, podendo esquecer um pouco as condicionantes da “testagem” das fontes. (LEENHARDT e PESAVENTO, 1998, p. 12-3).

A partir desse quadro teórico, pretendemos analisar como a narrativa ficcional se “apropria” da realidade e a representa em seu interior – de forma ficcionalizada, mas sempre apontando para o referencial representado – em duas obras da escritora Ana Maria Machado: *O mar nunca transborda* (1995) e *Bisa Bia Bisa Bel* (1990). Em ambas, Ana Maria Machado tematiza o resgate da memória individual e coletiva, tratando de reconstruir a imagem da formação da nação brasileira e seu passado recente sob o prisma feminino, enfatizando o papel social da mulher na consolidação da nação e construção da identidade nacional.

## O MAR DA MEMÓRIA

Metáfora do mergulho na alma nacional, o romance *O mar nunca transborda* (OMNT) é construído a partir do entrelaçamento do tempo presente com vários momentos do passado; do entrelaçamento da história de Liana (jornalista brasileira que mora em Londres) e de sua família com a história da construção da nação brasileira, desde a chegada dos primeiros portugueses à enseada dos Reis Magos (na costa do Estado do Espírito Santo), assim inscrita nos mapas pelos que então chegavam.

A preocupação com o resgate da memória é enfatizada por Ana Maria Machado, num prefácio dirigido “Ao leitor”, em que faz questão de salientar a importância de repassar o “bastão da memória” que, na “corrida de revezamento pelo tempo”, também ela recebeu de outras gentes. As diferentes formas de vida de pessoas que, via de regra, são ignoradas pelos relatos oficiais – pela história oficial – são rico manancial para a escritora. O trajeto percorrido – a incursão na alma brasileira – enfatiza um caminho de histórias resgatadas pela memória coletiva, sobretudo pela memória das mulheres, em que é retomada a tradição das contadoras e é enfatizado o caráter ficcional de uma história que poderia ter sido registrada de inúmeras formas.

Pode ter sido assim. Ou melhor, não deve ter sido assim. De qualquer modo, quem estava lá para ver não contou nunca. Ou contou sem deixar vestígios. [...] Como saber? Tem dois jeitos. [...] Tem o jeito exato, científico, do avô Amaro, do bisavô Feliciano. O caminho que levaria à biblioteca do Instituto Histórico [...]. Mas tem também o outro jeito [...] O caminho da avó Rosinha, dividido com a velha dona Erundina e aprendido com dona Isméria, mais velha ainda, que morrera muito antes da mãe de Liana nascer e só deixara o nome e a lembrança nas conversas das mulheres de Mangueral. Um caminho de histórias inventadas. Sem exatidão nem pesquisa nenhuma. Mas usando todo e qualquer conhecimento disponível para imaginar uma coisa que podia ter acontecido de verdade. (OMNT, p.16-17)

A narrativa é construída a partir da visão de índios, de mulheres, de crianças, de africanos trazidos como escravos, de analfabetos e marginalizados, enfim, daquelas pessoas que normalmente têm sua voz silenciada e esquecida, e também do ângulo dos primeiros colonizadores que chegaram ao país e acabaram ficando, misturando seu sangue e sua cultura com o sangue e a cultura indígena e, posteriormente, com o sangue e a cultura negra. Dessa perspectiva, o romance inicia com a narrativa da chegada de naus portuguesas, sob o olhar de indígenas que observam um estranho objeto a se aproximar da praia:

Não ia dar para esquecer nunca. Nesse dia tudo foi diferente. E depois dele, nada, nunca mais, foi igual. Mas, quando começou, não parecia [...] nesse dia, pelo meio do caminho, Cairé viu uma coisa que nunca tinha visto. Foi por isso que voltou correndo, entrou na aldeia gritando e avisou aos guerreiros: - Depressa! Venham ver! Um bicho enorme no mar! (OMNT, p.11-12).

O objeto desconhecido provoca muitas especulações: é um imenso pássaro? São muitos pássaros? É uma tartaruga grandona? Os indígenas acabam considerando que pode ser uma enorme canoa e que, portanto, deve ter gente dentro. Na expectativa de que as pessoas que aí vinham fossem enviadas da “casa do sol”, preparam uma grande festa. Já do ponto de vista dos portugueses, a chegada envolve a esperança de aportarem num lugar onde ninguém estivera antes, um lugar que não constava nos mapas da nova terra descoberta e que ninguém se preocupava em nomear:

Uma enseada tão pequenina que passara despercebida durante esses quarenta anos em que sucessivas expedições vinham explorando o litoral. Ou tão insignificante que ninguém se importara ainda em nomeá-la, incluindo nos mapas a pequena meia-lua trincada pela foz de um ribeirão, que chegava ao mar em meio a um manguezal. Agora passariam a existir. (OMNT, p. 14)

Os índios dormem pouco e mal, ocupados com os preparativos da festa. Mas, com os portugueses ocorre o inverso: “A bordo da nau, a noite foi de sono tranqüilo.” (OMNT, p. 14). Os indígenas oferecem uma generosa acolhida; os portugueses sonham com as riquezas que vão encontrar na nova terra, terra que acabavam de “inaugurar para El-Rei e o cristianismo”. (OMNT, p.15). Nesse processo narrativo em que são contrapostas as expectativas dos índios e as expectativas dos brancos colonizadores fica evidenciado como o processo de colonização e formação da nação deve ser visto em suas múltiplas vozes: da gente que teve a voz reconhecida nos livros da história oficial – e, por extensão, disseminada através dos livros didáticos, nas escolas de todo o País – e da gente que foi excluída e que, portanto, deve ter sua voz resgatada através de outros recursos: através das narrativas orais, da memória das gentes, do discurso literário que se abre para o discurso do “outro” que foi marginalizado.

Do entrelaçamento dos tempos da narrativa e das gentes que povoaram este país, resulta a história de Liana e sua preocupação com o resgate da memória individual (da sua família) e, ao mesmo tempo, da memória coletiva (da história da nação brasileira). Tal resgate é essencial para Liana compreender a si própria e para aprender a aceitar limitações que o tempo presente impõe.

## O PASSADO COMO TATUAGEM INTERIOR

Na obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (BBBB), Ana Maria Machado recupera dados da história, da memória nacional e da memória feminina através da menina Isabel que se tem acesso à memória da família e da recente história brasileira, num diálogo entre passado, presente e futuro em que os tempos se entrelaçam infinitamente. O passado chega através de uma fotografia que permite o diálogo da menina com a bisavó. Isabel inicia a narrativa de forma a conseguir a cumplicidade do leitor para com aquilo que pretende contar: um segredo.

Sabe? Vou lhe contar uma coisa que é segredo. Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo. Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver. [...] Sabe por quê? É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do meu lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim. E até pouco tempo atrás, nem eu mesma sabia disso. Para falar a verdade, eu nem sabia que Bisa Bia existia. (BBBB, p.5).

Tal convite é reiterado pela ilustração – de Regina Yolanda – que abre o texto: a imagem de um buraco de fechadura antiga, ao lado do qual há um pequeno nó na madeira. Desta forma, também no plano da ilustração, é reforçado o convite para que o leitor-*voyeur* espie pelo buraco da fechadura e acompanhe o que acontece no interior da personagem.

Metaforicamente representada por uma “tatuagem interior” (Isabel, após se dar conta de ter perdido a fotografia da bisavó, transforma-a numa tatuagem por dentro), a voz de Bisa Bia permite a recuperação do passado e a comparação entre aquele tempo e o presente. Desta forma, ao conversar com a bisavó, Isabel fica conhecendo várias coisas sobre o passado: como eram as brincadeiras, as roupas, os utensílios domésticos; como era o comportamento das meninas, namoro e casamento; como se nomeavam vários objetos com palavras hoje em desuso. Porém, mais importante que isso, as conversas com Bisa Bia propiciam interessantes e importantes discussões sobre as mudanças no padrão do comportamento feminino e masculino, sobre as relações de trabalho e sobre a visão de mundo de um tempo que passou, mas que deixou marcas perceptíveis no tempo da bisneta:

Só depois que eu fiquei conhecendo melhor Bisa Bia é que soube da verdade: ela não gosta de ver menina usando calça comprida, short, todas essas roupas gostosas de brincar. Acha que isso é roupa de homem, já pensou? De vez em quando ela vem com umas idéias assim esquisitas. Por ela, menina só usava vestido, saia, avental, e tudo daqueles bem bordados, e de babado. (BBBB, p.12)

Ao retomar o passado como uma voz interior, como uma tatuagem, ou seja, como algo que está marcado de forma indelével na menina Isabel, Ana Maria Machado demonstra, de forma metafórica, como o passado é parte integrante do presente. A existência de Isabel se deve à existência de Bisa Bia, que por sua vez dependeu da existência de outrem, e assim sucessivamente. Essa cadeia genética e cultural forma um trançado no qual os tempos se misturam, se entrelaçam infinitamente, e Isabel acaba ouvindo mais uma voz – inicialmente muito fraca – que vem de dentro de si: “Bem nesse momento, parecia que tinha uma voz dentro de mim, bem fraquinha, mas bem nítida, me dizendo assim: – Faça o que você bem entender! Não deixe ninguém mandar em você desse jeito” (BBBB, p.30). Essa voz fraquinha acaba se revelando: trata-se de Neta Beta, a bisneta de Isabel:

– Qual é seu nome?

– Beta. Sou sua bisneta.

Essa não. Agora eu tinha que continuar, saber mais. Perguntei:

– Como é que pode?

– Eu moro daqui a muito tempo, em outro século. Outro dia, minha mãe – que é a sua neta – estava dando uma geral, arrumando as coisas dela, e eu encontrei uma foto antiga, com uma menina que era a coisa mais fofinha deste mundo: VOCÊ! (BBBB, p.46).

É interessante observar que Isabel entrara em contato com a bisavó Beatriz da mesma forma:

Pois foi numa dessas arrumações, quando minha mãe estava dando uma geral, que eu fiquei conhecendo Bisa Bia. [...] a gente podia contar a história de Bisa Bia assim: dentro do quarto de minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha uma caixa, dentro da caixa tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos, dentro de um retrato tinha Bisa Bia. (BBBB, p.7).

Neta Beta explica que devia ter ficado calada, mas tinha gostado tanto de Bisa Bia e Isabel que não resistira: “Se eu ficasse só vendo vocês, quietinha, não tinha perigo nenhum. Mas se eu falasse – como acabei falando – corria o risco de que você me ouvisse, Bisa Bel. E então... [...] um pouco de mim vai ficar para sempre morando dentro de você.” (BBBB, p.47-8).

Cabe indagar por que a voz de Neta Beta aparece fraquinha e com menos frequência que a voz de Bisa Bia. Considerando-se que Beta representa o futuro e que a ele não temos acesso senão através de projeções, não é possível que a voz da Neta Beta seja tão marcante quanto a de Bisa Bia, nem tão concreta quanto a de Isabel. Santo Agostinho (1984, p. 318), na sua clássica reflexão sobre o tempo,

postula que “o passado não existe mais, o futuro ainda não existe”. Dessa perspectiva em relação ao trançado entre o passado, o presente e o futuro, que dá o tom a essa obra, *Bisa Bia* representa o passado e não existe mais de forma concreta, subsistindo apenas na memória de Isabel e sua família. *Neta Beta* não existe ainda, ela é a expectativa de futuro. Isabel representa o presente concreto que estabelece, através do sangue e das heranças culturais, o elo entre o passado e o futuro. Ainda de acordo com Santo Agostinho, o presente é o único tempo concreto. Mas esta concretude está estreitamente vinculada ao passado e ao futuro. Em Isabel fundem-se o passado – “escondido” em algum lugar da memória – que emerge em *Bisa Bia*, e o futuro, representado pela *Neta Beta*, que aguarda na expectativa de no futuro poder emergir da sua virtualidade e se tornar concreta.

A pergunta acima formulada – a respeito da tenuidade da voz de *Neta Beta* e da existência da voz de *Bisa Bia* – é da mesma natureza da indagação de Santo Agostinho a respeito do passado e do futuro: “Poderemos dizer que eles [o passado e o futuro] existem, e que o futuro, tornando-se presente, sai de algum lugar oculto, e que, tornando-se passado, torna a entrar em algum lugar secreto?” (AGOSTINHO, 1984, p. 321). A voz de *Neta Beta* é tênue porque ela é apenas expectativa, que deverá se tornar concreta no futuro, continuando a trama que veio de *Bisa Bia*. Essa, por sua vez, subsiste apenas na memória, uma vez que sua concretude está irremediavelmente perdida no tempo, cujo fluir transforma o presente em passado, o concreto em memória e concretiza a expectativa, de forma sucessiva e interminável. Cabe a Isabel, enquanto representante do presente concreto, continuar a trama humana e lançar sua tessitura em direção ao futuro.

A imagem da menina (presente) que traz em si a bisavó (passado) e a bisneta (futuro) é uma bela forma de mostrar como o tempo não é estático. Se por um lado o passado é importante, não se pode ficar preso a ele sob o risco de se morrer de “parada histórica”. É o presente que garante o elo entre passado e futuro, que, entrelaçados garantem a continuidade da cadeia da Vida. Três madeixas de um mesmo corpo temporal, *Bia*, *Bel* e *Beta* transitam pelo tempo, constituindo-se uma trança sonora: *Bia*, *Bel*, *Beta* perpetuam através da sonoridade aliterada a projeção de uma geração em outra. Quem hoje é *neta*, amanhã será *bisavó*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões levadas a efeito acima, pode-se afirmar que, nas duas obras em apreciação, o resgate da memória (de um passado individual e coletivo) é de extrema relevância. Tanto na obra dirigida para o público adulto (*O mar nunca transborda*), quanto na obra dirigida para o público juvenil (*Bisa Bia*, *Bisa*



*Bel*), Ana Maria Machado revela seu comprometimento com a reescritura da história, reescritura essa que abriga a fantasia e a “homenagem consciente” a todos aqueles que permanecem fora da história oficial, “em lugares considerados sem importância por este Brasil afora.” (OMNT, p.9).

Este compromisso da escritora também é visível no posicionamento do escritor mexicano Carlos Fuentes:

Este compromiso mayor de la novela – realidad imaginativa, narración de la nación de la sociedad y su cultura, compromiso de inventar verbalmente la segunda historia sin la cual la primera es ilegible – reclama en primer lugar, un campo vastamente amplificado de recursos técnicos; en segundo término, una voluntad de apertura; y, terceramente, una conciencia de la relación entre creación y tradición. [...] La literatura sólo puede estar constantemente en contacto con ese “origen del ser parlante” del cual habla Bachelard, si se mantiene abierta, no sólo al futuro, sino al pasado. (FUENTES, 1993, p. 26-7).

Retomando os enunciados teóricos apresentados no início deste trabalho, é possível afirmar que Ana Maria Machado, ao selecionar, combinar e trabalhar dados da realidade, ficcionaliza-os. Ao trazer à narrativa dados da história brasileira, a escritora não mostra o real, mas o representa pelo viés do imaginário. A história, recuperada pela literatura, passa a ser ficção, mas não perde seu referencial externo. Ambas – história e literatura – têm o compromisso com a recuperação da memória, conforme atestam Leenhardt e Pesavento:

No caso da história, quer parecer que a construção da memória é uma finalidade explícita por uma necessidade funcional de articular os três tempos: a preservação do passado é feita, mas no sentido de transformá-lo, assegurando o presente e possibilitando a execução de um projeto futuro. [...] Embora menos enfática ou didática na sua formulação, a literatura, tal como a história, também constitui uma socialização das memórias, das narrativas e dos discursos. (LEENHARDT e PESAVENTO, 1998, p. 13).

O que, literariamente, na voz de Isabel, é dito assim:

Dessa vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzilhadas escondidas, Bisa Bia discutindo com Neta Beta e eu no meio, pra lá e pra cá. [...] Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda. É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver. (BBBB, p.56).

## NOTAS

- <sup>1</sup> Docente do Curso de Letras da UNIOESTE, campus de M. C. Rondon. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984, p. 318.

FUENTES, Carlos. *Geografía de la novela*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ISER, Wolfgang. "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional." In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 384-416.

LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. 28. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

\_\_\_\_\_. *O mar nunca transborda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.